

# OS IMPACTOS DA CRISE ECONÔMICO-FINANCEIRA DE 2007/2008 NO DESENVOLVIMENTO GAÚCHO: O CASO DO SETOR INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE SANTA ROSA/RS

ARGEMIRO LUÍS BRUM<sup>1</sup>  
CÁTIA GUADAGNIN ROSSA<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo faz uma análise dos impactos que a crise econômico-financeira mundial de 2007/08 provocou no desenvolvimento do interior gaúcho. Para tanto, toma-se como referência o setor industrial do município de Santa Rosa. Utiliza-se como metodologia, além da revisão bibliográfica, a prática da pesquisa de campo, via entrevistas, com os empresários locais do setor em questão, assim como junto a representantes institucionais locais. Observa-se que, apesar de o município em questão ter enfrentado relativamente bem a crise mundial, auxiliado por características da economia gaúcha e por ações anti-crise do governo federal, o setor industrial local acabou sim enfrentando dificuldades com a nova realidade mundial, particularmente junto às indústrias voltadas ao setor metal-mecânico de exportação.

**Palavras-chave:** Crise econômico-financeira; setor metal-mecânico; indústrias; desenvolvimento.

## Abstract

this article analyzes the impact that the global financial and economic crisis of 2007/08 resulted in the development of inner gaucho. Therefore, taking as reference the industrial sector in the city of Santa

Rosa. It is used as a methodology, and the literature review, the practice of field research, through interviews with local entrepreneurs in the sector in question, as well as with the local institutional representatives. It is observed that, although the municipality in question have faced the global crisis relatively well, helped by features of state economy and anti-crisis actions of the federal government, the local industrial sector but just struggling with the new world reality, particularly through the industry focused on the metal-mechanic sector export. **Keywords:** economic and financial crisis, metal-mechanic sector, industries, and development.

**JEL:** R11

## 1 introdução

A abertura comercial, iniciada no princípio da década de 1990, causa no Brasil inúmeras mudanças econômicas e sociais. Tais mudanças exigem das organizações maior preparo e especialização, pois a competição igualmente aumenta na medida em que o país se insere de forma mais

intensa no mercado globalizado. Dentre essas mudanças, a inovação tecnológica torna-se um dos principais diferenças das organizações, de modo que, por meio dela, é possível que as empresas se mantenham competitivas no mercado globalizado, desde que ofereçam produtos de alto padrão de qualidade e custos reduzidos.

Todavia, a crise econômico-financeira mundial de 2007/2008 veio bloquear parcialmente este processo na medida em que igualmente atingiu o Brasil e seu setor produtivo. A questão é verificar se tal crise atingiu na mesma dimensão os pequenos e médios municípios brasileiros. A hipótese de base é que tais municípios não teriam sido poupados pela crise, sendo atingidos em sua geração de renda e no seu comércio externo, quando assim for o caso.

Nesse contexto, tomando-se o caso do município de Santa Rosa, no Noroeste do Rio Grande do Sul, o qual possui uma população ao redor de 70.000 habitantes e um setor industrial importante, verificar se a hipótese de base se confirma ou não e, se possível, identificar os motivos

<sup>1</sup> Doutor em Economia Internacional. Professor do DACEC/UNIJUI. E-Mail: <argelbrum@unijui.edu.br>

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento. Professora da Fundação Educacional Machado de Assis (FEMA), em Santa Rosa-RS. E-Mail: <catiarossa@fema.com.br>



de tal comportamento. A escolha pelo setor industrial, em uma região onde a agricultura é forte, se deve ao fato de que, em 2008, quando a crise mundial se concretizou, tal setor participava com 48,9% do valor adicionado do município, contra 30,9% do comércio, 10,2% dos serviços, e 10% de parte da produção e extração primárias<sup>3</sup>. Para qualificar ainda mais a análise buscou-se, no período estudado (2006-2010), identificar de que maneira se distribui este impacto no desenvolvimento municipal. Para tanto realizou-se uma pesquisa junto às principais indústrias de Santa Rosa, considerando-se a mobilidade de emprego na época da crise econômica, e a redução do emprego em decorrência da diminuição da produção a partir do avanço da crise. O critério de escolha das empresas industriais para realizar a pesquisa foi a sua participação na exportação ou importação de bens e serviços. As empresas escolhidas foram as do ramo de alimentação e máquinas e equipamentos agrícolas, pois esses dois ramos lideram a pauta de exportações do município de Santa Rosa.<sup>4</sup> O artigo está dividido em duas partes. A primeira destaca aspectos da crise econômico-financeira de 2007/08. A segunda traz uma análise da evolução dos principais indicadores socioeconômicos das indústrias de Santa Rosa, destacando o posicionamento dos empresários dos ramos estudados diante da crise mundial e seus possíveis efeitos sobre seus negócios.

## 2 Alguns aspectos da crise econômico-financeira de 2007/2008

A crise econômico-financeira que acometeu o mundo nos anos de 2007/2008, e que ainda se faz presente na economia internacional, originou-se nos Estados Unidos da América – EUA. Segundo Portugal, Neto e Barbosa (2009, p. 25) o composto da crise que contaminou o sistema financeiro dos EUA e também de diversos países ditos desenvolvidos foi:

1. política monetária excessivamente expansionista por parte do FED, que manteve a taxa de juros básica muito baixa por muito tempo;
2. taxas de câmbio fixas nos países asiáticos;
3. inovações financeiras num cenário de *boom* do mercado imobiliário, com fraca e equivocada supervisão e regulação bancária.

Quanto à política monetária expansionista exercida pelo Federal Reserve (FED), relatam os autores que **a prática de manter as taxas de juros muito baixas por longo tempo foi o fator que desencadeou o aumento da bolha especulativa do mercado imobiliário norte-americano, o que estimulou o consumo e ocasionou a elevação do déficit em conta corrente norte-americana.**

Por sua vez, as taxas de câmbio “fixas” nos países asiáticos, principalmente na China, foi determinante para o aumento substancial das exportações da China para os EUA e favoreceu, igualmente, a elevação do déficit norte-americano. Tal fato se deu porque os EUA, forçados a cobrir o déficit em conta corrente existente, acabou por vender títulos do Tesouro aos países superavitários comercialmente, dentre eles a China, país este que se tornou o principal detentor de títulos públicos norte-americanos.

Já o terceiro componente da crise, segundo os autores citados, ocorreu devido à falta de regulação do mercado e fraca supervisão. A ocorrência de mudanças no setor financeiro contribuiu para o surgimento da crise, dentre as quais é possível destacar o avanço de instituições não bancárias que não eram reguladas pelo Banco Central; a separação dos bancos comerciais e de investimento e o incen-

tivo a financiamento de residências para classes menos abastadas, com facilidades para adquirentes com crédito ruim, denominados clientes *subprime*.

Os financiamentos aos clientes *subprime* eram realizados a taxas fixas por dois anos que, ao término deste período, eram corrigidas. Para que os investidores auferissem ganhos, as instituições financeiras realizavam a securitização destes financiamentos imobiliários, os quais eram lastreados em hipotecas e rendiam altos juros. Em vista disso, a securitização permitiu que o risco fosse transferido, dos bancos que financiavam os imóveis, aos bancos comerciais e de investimento.

Em junho de 2004, o FED iniciou o processo de alta dos juros, que terminou dois anos depois. Este período coincidiu com o início da correção dos financiamentos imobiliários. Começa, então, a inadimplência, pois as parcelas dos financiamentos imobiliários estavam bem acima do orçamento familiar, o que resultou em execuções e levou os preços das residências a caírem. Os títulos lastreados em hipotecas que estavam espalhados nas instituições americanas, europeias e de outros países “viraram pó” e os balanços dos bancos estavam contaminados com estes “ativos podres”.

Em Cleveland, por exemplo, com a efetivação do processo de alta dos juros, depois de cerca de 10 mil execuções de hipotecas nos anos de 2007 e 2008, restou, aproximadamente, um décimo das casas da cidade desocupadas. Desde 1960, Cleveland, que no passado foi um centro industrial e cultural destacado, perdeu metade de sua população e tornou-se uma das cidades mais perigosas do país (GALL, 2010). Com a crise, bancos e outros credores passaram a ser proprietários de aproximadamente um

<sup>3</sup> Ver pesquisa realizada junto a Prefeitura Municipal de Santa Rosa.

<sup>4</sup> Ver balança comercial brasileira disponível no site do Ministério do Desenvolvimento.

milhão de imóveis desocupados por inadimplência de seus moradores nos Estados Unidos.

A análise da crise financeira de 2007/2008 também foi abordada de forma diversa por Hingel (2009). Procurando explicar o processo da crise financeira, o autor criou uma linha de montagem do *subprime*, mostrando-a da seguinte forma:

(1) agentes financeiros dos mais diversos obtinham recursos de investidores e (2) na outra ponta, ofereciam crédito imobiliário, gerando contratos. Posteriormente, esses contratos (3) eram securitizados e (4) vendidos no mercado para investidores do mundo todo. Ao vender essas securities, os recursos recomparam (5) o caixa do sistema originador que passava a gerar novos contratos, realimentando a oferta de crédito. Os tomadores desses empréstimos utilizavam esses recursos para aquisição de imóveis ou ampliavam seu endividamento, usando o imóvel já existente, direcionando os recursos para outras finalidades, geralmente ligadas ao consumo, pressionando o mercado imobiliário e o consumo geral, e mantendo a demanda agregada em níveis elevados (HINGEL, 2009, p.65).

**É pertinente destacar que o *boom* financeiro dos últimos anos nasceu do afrouxamento crescente do marco institucional restrito e cauteloso das primeiras décadas pós-Segunda Guerra Mundial (GALL, 2010).**

De acordo com Portugal, Neto e Barbosa (2009), essa crise financeira pode ser dividida em duas fases: a primeira, do período de agosto de 2007 a agosto de 2008, quando se detectam as dificuldades de liquidez das instituições financeiras. E a segunda, a partir do momento da falência do Lehman Brothers em setembro de 2008.

Os mesmos autores esclarecem ainda que

A crise bancária generalizada - ou sistêmica - acaba por se transformar em uma crise de grandes proporções de economia real. Sem crédito,

a produção e o consumo são afetados, o que gera desemprego e queda na renda (PORTUGAL; NETO; BARBOSA, 2009, p. 45).

Nesse contexto, Wolf (2009, p. 2) ressalta que “[...] a integração financeira oferece vantagens potenciais para os mercados financeiros liberais. Mas a exploração dessas vantagens e, ao mesmo tempo, a minimização dos riscos impõem enorme desafio”. O autor indica ainda que “crises que envolvem fornecedores externos de capital são muito mais custosas e de manejo bem mais difícil”.

Já na visão de Gall (2010, p.17), “[...] a proliferação de ativos financeiros foi alimentada por dinheiro emprestado em um *boom* de crédito erguido sobre uma plataforma de prosperidade e estabilidade global”.

Sob essa ótica, a crise financeira de 2007/08 gerou enormes perdas para a economia americana, e “[...] as famílias americanas perderam US\$ 11 trilhões em 2008, o equivalente a 80% do PIB, o que refletiu na queda dos preços das ações e dos imóveis” (GALL, 2010, p. 5).

Gall (2010, p.11) explica que “[...] entre 1993 e 2006, a **dívida das famílias** subiu de 89% para 139% da receita pessoal disponível. As pessoas tomavam segundas hipotecas sobre suas casas e também contraíam empréstimos, dando o valor de suas casas como garantia, acreditando que a valorização dos imóveis residenciais continuaria por tempo indeterminado”. Além do aumento da dívida das famílias americanas, houve aumento substancial da dívida total com hipotecas nos Estados Unidos, entre 1990 e 2007, que passou de US\$ 2,5 trilhões para US\$ 10,5 trilhões; o consumo pessoal aumentou em 44% entre 2000 e 2007. (Gall, 2010, p.14).

Além das famílias norte-americanas, os governos também tiveram elevados custos em razão da crise e “[...] o valor total das obrigações financeiras assumidas por governos para fazer frente à crise aproxima-se

de um terço do PIB mundial de US\$ 62 trilhões em 2008” (GALL, 2010, p. 6).

Como consequência da explosão da crise financeira, é possível perceber, conforme o McKinsey Global Institute, que os fluxos internacionais de capital sofreram um recuo de mais de 80% em 2008 (GALL, 2010, p. 153). Nessa linha de pensamento, Gall (2010, p. 153) relata uma queda sem precedentes, US\$ 18 trilhões, no valor dos ativos financeiros no mundo e que, até junho de 2009, as quedas nas ações nas bolsas do mundo e nos valores imobiliários provocaram uma perda global de riqueza de US\$ 29 trilhões, o que equivale a quase metade do PIB mundial.

No Brasil, a crise também impactou primeiro o sistema financeiro, mas com os bancos locais pouco investidos em títulos emitidos por bancos americanos (que passaram a constituir créditos podres), e como o passivo externo dos bancos brasileiros (empréstimos contraídos junto a bancos internacionais) era relativamente baixo – em torno de US\$ 50 bilhões -, a crise que aqui ingressou pelo passivo dos bancos – dificuldades em manter o nível de recursos captados no exterior – ficou restrita a problemas de bancos de menor porte. (MUNHOZ, 2009, p. 78).

Como premissa lógica, torna-se possível verificar que a diminuição do crédito afetou o consumo e, em consequência, provocou uma contração no mercado internacional. No caso do Brasil, a redução das exportações explica metade da queda na atividade da indústria brasileira nos seis meses seguintes à data de agravamento da crise, ou seja, entre outubro de 2008 e março de 2009 (FILHO E PUGA, 2009, p. 78).

Segundo Pochmann (2009, p. 63)

No caso brasileiro, destacam-se três principais vetores de transmissão da crise externa. O primeiro refere-se à drástica contenção do crédito internacional que atingiu fortemente

“  
**Para tanto, realizou-se uma pesquisa com as principais indústrias geradoras de riqueza para o município de Santa Rosa, dentre elas duas do ramo de alimentação (empresas A e B) e 10 do ramo metal-mecânico.**

”

o setor produtivo doméstico, especialmente as empresas produtoras de mercadorias de maior valor unitário e dependentes de financiamentos (bens de consumo durável e de capitais). O segundo vetor diz respeito ao encolhimento do comércio externo que impacta diretamente parcela do setor produtivo comprometido com o atendimento da demanda oriunda de exportações. O terceiro vetor de transmissão da crise internacional deriva das decisões das matrizes das grandes corporações transnacionais, responsáveis pelo reposicionamento mais contido das filiais em operação no Brasil.

Enfim, no que se refere à economia gaúcha, conforme Porsse et al (2009, p. 103)

[...] como as exportações possuem uma importância maior na economia gaúcha em comparação com a situação nacional, a redução do ritmo de crescimento da economia mundial associado à crise atual pode gerar, a princípio, um impacto relativamente mais forte na economia gaúcha do que no restante do país. Contudo, a força desse impacto também depende da composição da pauta de exportação por tipo de produto. Além disso, a composição do destino das exportações para diferentes mercados

também é um fator fundamental, uma vez que o impacto da crise deve ser diferenciado nas variadas regiões do mundo.

Porsse relata que a pauta de exportação do Rio Grande do Sul é bastante concentrada em bens primários e intermediários e em bens de consumo não duráveis, principalmente agroalimentares. Segundo o autor esses produtos geralmente possuem menor sensibilidade à variações no nível de renda em comparação com bens de consumo duráveis e de capital. Sendo assim o Rio Grande do Sul sinaliza para uma vulnerabilidade relativamente menor a choques de renda na economia internacional. É o que se depreenderá da análise dos indicadores socioeconômicos relativos às indústrias de Santa Rosa/RS, objeto de estudo deste trabalho.

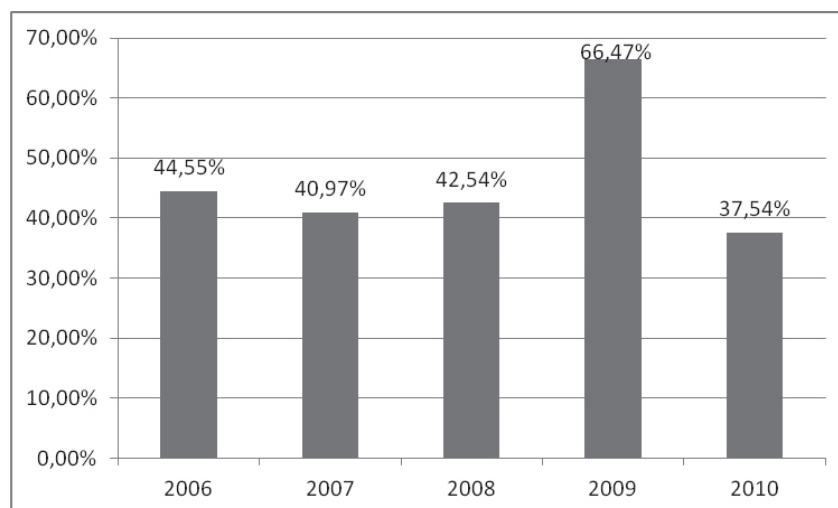
### 3 Alguns indicadores socioeconômicos das indústrias de Santa Rosa/RS

Para desenvolver o estudo partiu-se da apuração do valor adicionado das empresas industriais locais,

no período de 2006 a 2010, a fim de se poder traçar um comparativo entre os períodos pré e pós-crise mundial; estabelecer se houve impactos da crise mundial na geração do valor adicionado do setor industrial santarrosense; e como isso teria atingido o desenvolvimento do município. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com as principais indústrias geradoras de riqueza para o município de Santa Rosa, dentre elas duas do ramo de alimentação (empresas A e B) e 10 do ramo metal-mecânico. Das 10 empresas selecionadas do ramo metal-mecânico oito responderam à pesquisa (empresas C a J).

De acordo com a figura 1, evidencia-se que as dez empresas juntas geraram, em 2006, 44,5% do Valor Adicionado do ICMS. Após a eclosão da crise, tal participação salta para 66,5%, porém, no ano seguinte recua fortemente para apenas 37,5%. Ou seja, o impacto da crise na geração do valor adicionado chegou mais tardiamente, tendo se evidenciado exatamente no ano em que o governo brasileiro reagiu com mais intensidade à crise, o que não deixa de ser contraditório.

**Figura 1: Participação das empresas entrevistadas na composição do Valor Adicionado do ICMS**



Fonte: os autores.

A Tabela 1, todavia, esclarece que o recuo na participação do grupo de empresas no total geral em 2010 se deve particularmente a duas empresas (A e B). Em 2009, as mesmas representavam 84,3% do total acumulado das 10 empresas. Já em 2010 tal participação recuou para 69%, sendo que foram estas duas que acusaram um recuo significativo em seu valor adicionado enquanto as demais (exceção feita a empresa H) registraram avanço no referido valor.

**Tabela 1: Valor Adicionado ICMS de empresas industriais selecionadas do Município de Santa Rosa/RS – 2006/2010**

	2006	2007	2008	2009	2010
EMPRESA A	R\$ 84.724.299,40	R\$ 52.364.269,89	R\$ 67.996.558,90	R\$ 155.755.194,28	R\$ 63.752.278,95
EMPRESA B	R\$ 14.956.392,64	R\$ 40.667.959,84	R\$ 43.600.734,18	R\$ 49.679.246,32	R\$ 35.427.326,20
EMPRESA C	R\$ 2.412.650,91	R\$ 2.099.268,00	R\$ 4.937.561,79	R\$ 5.023.692,44	R\$ 5.676.639,27
EMPRESA D	R\$ 3.782.413,99	R\$ 5.372.118,59	R\$ 8.913.363,47	R\$ 9.558.118,48	R\$ 12.592.971,35
EMPRESA E	R\$ 2.469.981,28	R\$ 3.818.292,04	R\$ 7.480.035,65	R\$ 5.328.615,61	R\$ 7.169.742,46
EMPRESA F	R\$ 1.911.855,68	R\$ 3.301.614,58	R\$ 7.927.899,92	R\$ 4.473.509,57	R\$ 7.915.761,58
EMPRESA G	R\$ 2.083.831,76	R\$ 1.048.955,49	R\$ 2.620.128,43	R\$ 2.158.429,78	R\$ 2.784.865,45
EMPRESA H	R\$ 584.375,86	R\$ 301.489,41	R\$ 463.308,41	R\$ 512.369,64	R\$ 482.134,92
EMPRESA I	R\$ 3.148.766,37	R\$ 4.668.126,80	R\$ 7.171.988,77	R\$ 5.707.024,06	R\$ 7.072.698,27
EMPRESA J	R\$ 1.849.171,55	R\$ 3.685.740,74	R\$ 7.411.390,25	R\$ 5.408.794,25	R\$ 7.877.054,20
	<b>R\$ 114.774.973,07</b>	<b>R\$ 112.659.708,58</b>	<b>R\$ 158.522.969,77</b>	<b>R\$ 243.604.994,43</b>	<b>R\$ 143.678.774,38</b>

Fonte: os autores com base em dados da Prefeitura de Santa Rosa.

A redução da empresa A em 2010 foi consequência do mercado exportador, pois o principal país de exportação deixou de comprar produtos oriundos do Brasil. Já na empresa B a redução foi decorrente do aumento do estoque no final de 2010 e a alterações na política fiscal do governo estadual que não favorecia a venda do produto.

Por sua vez, conforme a tabela 2, todas as empresas possuem investimento tecnológico em crescimento constante no período estudado, sendo que o volume de recursos a ele destinado, no acumulado das mesmas, avançou 254% entre 2006 e 2010. Ou seja, a crise não inibiu as empresas quanto a investirem em tecnologia.

**Tabela 2: Investimento tecnológico de empresas industriais selecionadas do Município de Santa Rosa/RS – 2006/2010**

	2006	2007	2008	2009	2010
EMPRESA A	R\$ 22.200.000,00	R\$ 36.100.000,00	R\$ 49.000.000,00	R\$ 64.300.000,00	R\$ 85.400.000,00
EMPRESA B	R\$ 1.003.420,56	R\$ 834.678,90	R\$ 1.089.340,90	R\$ 1.500.000,00	R\$ 2.500.000,00
EMPRESA C	R\$ 310.000,00	R\$ 1.480.000,00	R\$ 1.250.000,00	R\$ 745.000,00	R\$ 2.680.000,00
EMPRESA D	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.200.000,00	R\$ 4.500.000,00	R\$ 800.000,00	R\$ 1.000.000,00
EMPRESA E	R\$ 36.100,00	R\$ 22.000,00	R\$ 1.609.375,00	R\$ 44.115,00	R\$ 1.038.500,00
EMPRESA F	R\$ 30.708,00	R\$ 82.400,00	R\$ 552.293,00	R\$ 76.642,00	R\$ 197.957,00
EMPRESA G	R\$ 0,00	R\$ 50.000,00	R\$ 500.000,00	R\$ 30.000,00	R\$ 250.000,00
EMPRESA H	R\$ 9.503,49	R\$ 88.588,41	R\$ 191.443,94	R\$ 10.090,40	R\$ 336.356,61
EMPRESA I	R\$ 1.500.000,00	R\$ 1.500.000,00	R\$ 2.500.000,00	R\$ 1.500.000,00	R\$ 3.500.000,00
EMPRESA J	R\$ 850.000,00	R\$ 1.300.000,00	R\$ 3.800.000,00	R\$ 500.000,00	R\$ 280.000,00
	<b>R\$ 27.441.738,05</b>	<b>R\$ 42.659.674,31</b>	<b>R\$ 64.994.460,84</b>	<b>R\$ 69.507.856,40</b>	<b>R\$ 97.184.823,61</b>

Fonte: os autores, com base na pesquisa.

A empresa B registrou grande expansão e durante o período houve aquisição de várias filiais (unidades de recebimentos de grãos), fábrica de Biodiesel, Engenho de Arroz entre outros negócios.

Já a empresa H procurou não fazer altos investimentos tecnológicos. O raciocínio de sua direção é de que, em havendo uma redução na produção e, conseqüentemente, na sua rentabilidade, a empresa não tem muitas dificuldades para enfrentar o problema, caso da atual crise econômica mundial.

Quanto à empresa I, somente em 2009 houve uma pequena retração nos investimentos. Segundo seu diretor, essa retração foi motivada por prudência diante das proporções que a crise adquiria na época. Com o posterior apoio do governo à economia, mesmo que setorial, a empresa voltou a investir.

Por sua vez, a empresa J, voltada ao setor primário, diante do crescimento do mercado agrícola em 2007 e 2008, obrigou-se a fazer altos investimentos para atender à demanda do mercado. Com a crise mundial, no final de 2008, as vendas caíram 60%, o que dificultou o pagamento em dia dos financiamentos como também de outros compromissos, como impostos e energia elétrica. Isto acarretou uma alta despesa financeira, obrigando a empresa a rever sua estratégia. Segundo o mesmo diretor, o impacto da crise na empresa foi amortizado somente no ano de 2011.

Enfim, as empresas A e B, pelas suas dimensões, consideram os investimentos tecnológicos importantes demais, mesmo em períodos de incertezas, pois quem se prepara durante as crises, após as mesmas, consegue, geralmente, aumento de produtividade e crescimento maiores que as demais empresas. Foi o caso das mesmas!

Com relação ao número de funcionários, tabela 3, percebe-se que as empresas A e B não tiveram redução no seu número de empregados, pois mantiveram sua produção. As de-

mais empresas registraram redução no número de empregos no ano de 2009, sendo que o diretor da empresa H relatou que não houve grandes oscilações devido à manutenção de sua produção. Já no ano de 2010 as empresas que reduziram o número de funcionários voltaram a contratar.

**Tabela 3: Número de funcionários no final do período de empresas industriais selecionadas do município de Santa Rosa/RS – 2006/2010**

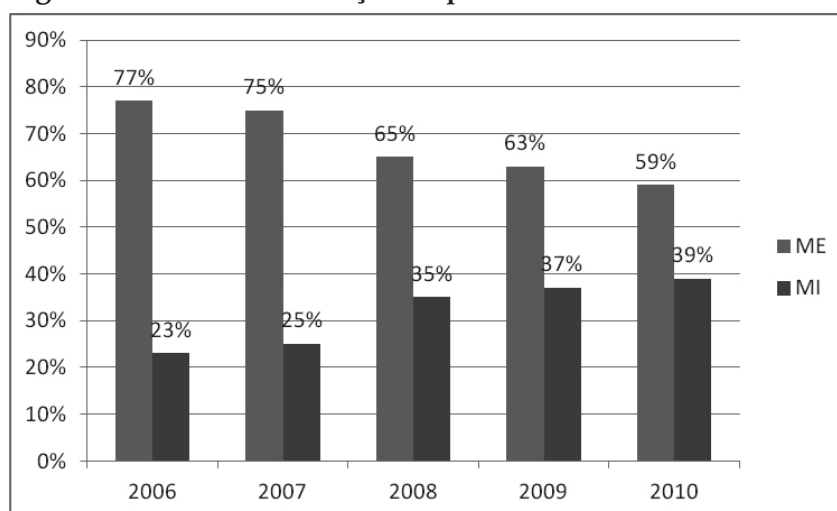
	2006	2007	2008	2009	2010
EMPRESA A	1.111	1.344	1.379	1.479	1.581
EMPRESA B	438	588	596	661	868
EMPRESA C	35	65	92	89	115
EMPRESA D	109	142	188	170	188
EMPRESA E	50	47	73	66	73
EMPRESA F	61	73	93	63	75
EMPRESA G	45	51	85	50	64
EMPRESA H	19	23	24	23	25
EMPRESA I	69	90	136	134	167
EMPRESA J	108	156	178	177	205
	<b>1.976</b>	<b>2.489</b>	<b>2.844</b>	<b>2.912</b>	<b>3.361</b>

Fonte: os autores, com base em pesquisa de campo.

No que diz respeito ao mercado de atuação, somente as empresa A e B atuam no mercado interno e externo. As demais somente no mercado interno, porém, fornecem peças e equipamentos para empresas maiores, as quais dependem em muito do mercado externo.

De acordo com a figura 2, percebe-se que a empresa A atua mais no mercado externo que no interno mas, a partir de 2008, essa participação reduziu, em virtude do fechamento de um de seus principais mercados exportadores, devido muito mais a impasses relacionados à políticas comerciais entre países do que pela crise propriamente dita. Isso levou a empresa a incrementar sua participação no mercado interno.

**Figura 2: Mercado de atuação empresa A**



Fonte: os autores.

“ *Além disso, principalmente junto às empresas do setor metal-mecânico, ajudou igualmente o tipo de produto por elas produzido. Constatou-se que as empresas, cujo impacto foi menor na crise, foram as que possuíam produtos diferenciados.* ”

A empresa B atua nos dois mercados, mas 70% de sua produção é comercializada no mercado interno, fato que a protegeu melhor da crise mundial.

Das demais empresas pesquisadas, embora com atuação exclusiva no mercado interno, vale destacar que a empresa I teve algumas experiências com o mercado externo, mas optou por ficar somente com o mercado interno por considerar o mercado externo arriscado e complexo.

Analisando o resultado das empresas pesquisadas e o impacto no desenvolvimento da indústria de Santa Rosa, evidencia-se que a crise econômico-financeira de 2007/2008 não afetou de forma brusca o desenvolvimento das indústrias e, por extensão, o próprio município. Isso corrobora as observações de Porsse (2009).

Segundo o presidente da agência de Desenvolvimento de Santa Rosa, o município, e grande parte do interior gaúcho, é muito mais afetado quando há questões climáticas em jogo, do que diante de crises econômicas internacionais. Todavia, para municípios que apresentam grande dependência do mercado exportador, a crise de 2007/2008 foi muito

séria e prejudicou o desenvolvimento dos mesmos.

Assim, nesse caso, o fato de estarem direcionadas particularmente para o mercado interno auxiliou as empresas de municípios como Santa Rosa a melhor enfrentar os efeitos da crise de 2007/08. Além disso, principalmente junto às empresas do setor metal-mecânico, ajudou igualmente o tipo de produto por elas produzido. Constatou-se que as empresas, cujo impacto foi menor na crise, foram as que possuíam produtos diferenciados. Já as empresas que concentravam sua produção basicamente em um único produto, tiveram maior redução de produção e, conseqüentemente, tiveram afetado seu desenvolvimento.

Dentre as empresas pesquisadas, a empresa C passou a diminuir a produção de peças e partes de colheitadeiras e aumentar sua presença em outros produtos como, por exemplo, peças e partes de tratores. Em 2006, produzia 80% de peças e partes de colheitadeiras tendo, em 2008, reduzido tal produção para 60%. Isso foi possível pelo fato de a empresa possuir um mercado mais diversificado. Assim como a empresa C, a empresa D diminuiu sua produção de peças de colheitadeiras, que era de 70% em 2006, para 50% em 2008. A produção da empresa E que, em 2007, produzia 81% peças e partes de colheitadeiras e, em 2010, a reduziu para 58%. A empresa F produzia, em 2006, 89% peças e partes de colheitadeiras e a reduziu para 77% em 2010. Isso tudo porque, em sendo ligadas à empresas produtoras de colheitadeiras na região, as quais em grande parte são dependentes do mercado externo, acabaram por serem atingidas indiretamente pela crise mundial. Assim, a possibilidade de diversificação de sua produção, no caso para peças de tratores, acabou sendo um elemento importante para melhor enfrentar as mudanças oriundas da crise no cenário regional.

Dentre as empresas do ramo metal-mecânico que foram entre-

vistadas, a única empresa que não reduziu sua produção de peças e partes de colheitadeira foi a empresa G. Em 2006 produzia 70% e chegou em 2009 produzindo 79%, pois não tinha condições de diversificar sua produção.

Todavia, a grande seca de 2005 na região de Santa Rosa e sul do Brasil, a qual atingiu em cheio o setor de máquinas agrícolas, já havia levado muitas empresas pesquisadas a partirem para a diversificação de suas atividades. Assim, desde 2006 a empresa H optou por diversificar a produção e não permanecer dependente do ramo de colheitadeiras e tratores alegando ser tal mercado muito instável.

A empresa I, por sua vez, já em 2008 produzia 30% de peças e partes de colheitadeiras, 30% de peças e partes de tratores e 40% de outros produtos. Assim, com o recrudescimento da crise mundial, em 2009 reduziu sua produção de peças e partes de colheitadeiras para 20% e aumentou para 50% a produção de outros produtos.

Já a empresa J concentra sua produção em outros produtos. Em 2008, do total produzido, 80,9% era de outros produtos, 11% de peças e partes de colheitadeiras e 8,1% de peças e partes de tratores. Porém, em 2010 houve uma redução na produção de outros produtos e aumentou a produção de peças e partes para trator. Essa alteração na linha de produção ocorre devido aos incentivos por parte do governo federal, com programas de investimento, como por exemplo, o Programa Mais Alimentos, que beneficiou a atividade rural, e as indústrias conseguiram manter sua produção e seus funcionários. Esse programa beneficiou, especialmente, indústrias que produziam peças e partes para tratores.

Assim sendo, evidencia-se a importância, para o desenvolvimento local, das empresas não dependerem de um único mercado. Como se pôde constatar na pesquisa junto às empresas, a que produzia basicamente

um único produto viu-se forçada a demitir um número maior de funcionários.

Entretanto, há outros elementos que explicam o melhor enfrentamento da crise. A empresa G, por exemplo, relatou que seu faturamento aumentou entre 2006 e 2010, com o mesmo crescendo 85% em pleno período de crise mundial. Isso se deu graças a maiores investimentos em tecnologia, o que possibilitou produzir mais com menos mão de obra e, conseqüentemente, com melhor rentabilidade. Todavia, isso ainda não foi percebido nos resultados líquidos da empresa, pois o endividamento, iniciado em 2006, pós a grande seca do ano anterior, ainda se reflete nos custos de produção. Porém, se a empresa não se modernizasse certamente teria falido com o advento da crise econômico-financeira mundial que vem na seqüência.

Segundo o diretor da empresa G, pela análise do mercado em que a empresa atua (mercado agrícola), pode-se dizer que o volume de produção anual teve, em 2006, o seu pior momento, pois além do menor volume a produção mensal oscilou muito. Já em 2008, o que era para ser o melhor momento, deixou de ser, principalmente, pela falta de matéria-prima no mercado, provocada pelo aquecimento ocorrido em todos os setores da economia nacional, levando as indústrias de manufaturas a pagarem ágio para obterem a matéria-prima necessária para atenderem os pedidos programados junto aos seus clientes finais. Isso elevou drasticamente os custos e, conseqüentemente, reduziu a rentabilidade. A crise mundial que se aprofundou no final de 2008 acabou obrigando a ajustes nos volumes produzidos para 2009, fato que até aumentou o endividamento da empresa.

Nesse contexto é que, em 2009, se fez ajustes para uma nova realidade de produção. Somaram-se a isso as renegociações de dívidas e a queda momentânea de preços das matérias-primas, fato que manteve

**“ Questionado sobre a situação econômica das Indústrias de Santa Rosa no início de 2012, o entrevistado relatou que a mesma era excelente, assumindo nítida posição de que a crise praticamente não afetou o setor industrial santa-rosense, pelo menos até o final de 2011, ”**

a empresa mesmo com prejuízo. Em 2010, embora a manutenção de um quadro geral difícil, os programas de apoio do governo e a recuperação das safras agrícolas regionais permitiu um aumento de produção e de faturamento, fato que dá início a um processo de retorno às estratégias montadas anteriormente.

Enfim, tomando-se os testemunhos dos diretores das empresas A e B, embora menos atingidas pela crise mundial, igualmente as mesmas enfrentaram certas dificuldades. Dentre elas, foram citadas: o aumento no custo dos insumos, já que as commodities agrícolas subiram muito de preço; a manutenção dos investimentos tecnológicos, num momento de maiores custos, impactou no setor financeiro das empresas em decorrência da diminuição do crédito e aumento dos juros; a incerteza quanto ao fato de não se conseguir detectar como o mercado reagiria à crise; e a incerteza quanto a correção das decisões tomadas pela empresa para enfrentar a crise.

Apesar desta realidade prática, o sentimento institucional no município era de otimismo, como se pode inferir das entrevistas realizadas com seus dirigentes.

### **3.1 Otimismo empresarial apesar da crise**

Uma das entrevistas realizadas, em busca de um aprofundamento sobre a realidade regional diante da crise mundial, foi realizada com o Presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento (COMUDE).<sup>5</sup>

Questionado sobre a situação econômica das Indústrias de Santa Rosa no início de 2012, o entrevistado relatou que a mesma era excelente, assumindo nítida posição de que a crise praticamente não afetou o setor industrial santa-rosense, pelo menos até o final de 2011. Segundo ele, os números previstos no Orçamento Anual do Município para o então Exercício de 2012, apontavam para o valor de R\$ 177.012.486,00, o que demonstrava um crescimento na arrecadação do município. Fato que, em relação à região Noroeste ou da Grande Santa Rosa, coloca a economia do município de Santa Rosa como destaque regional. Ele ainda destacou que isso ocorria porque alguns dos fatores que faziam o PIB brasileiro crescer (embora em 2011 o mesmo tivesse registrado um crescimento de apenas 2,7%, contra 7,5% em 2010) são a agricultura (agronegócio) e a construção civil, dois setores fortes no município de Santa Rosa e região.

De fato, a entrevista com as principais indústrias de Santa Rosa mostrou que o município não foi tão afetado com a crise mundial. Individualmente, algumas das indústrias tiveram redução no seu valor adicionado e redução do número de empregos, mas outros setores da economia de Santa Rosa ajudaram a manter o crescimento do município no período de 2006 a 2010. De acordo

<sup>5</sup> Entrevista realizada com o senhor José Fernando Borella, no dia 13/01/2012.



com o secretário da Fazenda do Município de Santa Rosa, isso se deveu aos programas de incentivo que o governo Federal lançou no período 2008/2009, especialmente no ramo da construção civil. O maior impacto teria sido observado no ramo metal-mecânico, porém, o mesmo foi, em grande parte, absorvido pelo ramo da alimentação, nesta pesquisa representado pelas indústrias A e B, em particular no que diz respeito à geração de empregos.

O presidente do COMUDE destacou que as indústrias do município de Santa Rosa, em especial as dos setores de grãos e carnes, posicionam as empresas de Santa Rosa entre as mais competitivas no mercado nacional e internacional destes segmentos. Ressaltou que os incentivos do governo na esfera federal por meio das políticas públicas voltadas à exportação, aliados aos incentivos do Estado e do município sede das empresas, são fatores que proporcionam essa competitividade nos mercados.

Quando questionado sobre as indústrias do polo metal-mecânico, destacou que, anteriormente, era um dos segmentos que mais sofria com as crises econômicas. Hoje, pelo fato do setor apostar em novas tecnologias e inovações para manter a competitividade no mercado nacional e internacional, o mesmo enfrenta melhor as crises econômicas. Para ele, a diversificação de seus produtos e a descoberta de novos mercados por meio da globalização contribui para esta estabilidade das empresas. Ainda segundo ele, pelo fenômeno da globalização, as distâncias entre os mercados encurtaram e a mão-de-obra qualificada passou a ser um dos fatores essenciais para esse novo rumo da indústria moderna. Dessa maneira, com o crescimento dos setores produtivos, através das indústrias, também ganha o comércio e a prestação de serviços no município.

Mas essa realidade ainda não é compartilhada por todas as empresas do setor metal-mecânico. Viu-se que, dentre as empresas pesquisadas, há

**“ Conforme a pesquisa, o impacto da crise mundial só não foi maior devido aos incentivos que o governo federal lançou em 2008/2009. Foi o caso do Programa Mais Alimentos, que beneficiou as empresas produtoras de peças e partes para tratores. ”**

algumas que não têm sua produção diversificada e até mesmo as que a têm, apresentam dependência do setor agrícola. Conforme a pesquisa, o impacto da crise mundial só não foi maior devido aos incentivos que o governo federal lançou em 2008/2009. Foi o caso do Programa Mais Alimentos, que beneficiou as empresas produtoras de peças e partes para tratores. Todavia, as empresas que produziam peças e partes para colheitadeiras, sem grande capacidade de diversificação, acabaram por sofrer um impacto maior na redução de sua produção e no endividamento financeiro. Muitas delas carecem de investimentos na modernização tecnológica de seu processo produtivo.

Quando questionado sobre a projeção do crescimento do município e das indústrias locais, o presidente do Comude assegurou que o município de Santa Rosa cresce graças as suas grandes indústrias, uma vez que são as que mais empregam pessoas e adquirem novas tecnologias e inovações, acreditando que ainda há muito para crescer. Diante da pergunta “até quando isso pode durar?”, o referido presidente deixou claro que “até quando o governo incentivar o setor; enquanto se mantiver a estabilidade econômica do país; enquanto houver apoio às exportações e injeção de dinheiro público no mercado”. Ou seja, ficou evidente que o enfrentamento da crise mundial, pela indústria santa-rosense, em particular, está muito condicionado aos programas estaduais pontuais de enfrentamento desta crise. Não é por nada que, para a economia global do município, assim como do país, a construção civil, através do programa federal “Minha Casa Minha Vida” se tornou um dos centros geradores de emprego e renda.

Em termos potenciais, o município ainda conta com futuros projetos em torno da construção de barragens para a geração de energia elétrica na região, assim como a construção da Ponte Internacional, em Porto Mauá, ligando o Brasil à Argentina. Mas enquanto tais projetos não se tornam realidade o município depende de um conjunto de fatores para manter seu crescimento econômico. Um desses fatores é a necessidade de investimentos em infraestrutura que possibilitem a manutenção das

<sup>6</sup> O primeiro resultado prático da pressão exercida por lideranças políticas e empresariais de Santa Rosa e da região, que desde o ano passado buscam alternativas para amenizar a crise que afeta nossa indústria metal mecânica, ocorreu esta semana. O Governo Federal anunciou a criação do Fundo Garantidor de Crédito (FGC), que beneficiará as pequenas e médias empresas, especialmente para aquisição de máquinas, equipamentos, tratores e caminhões. A expectativa é que o valor do fundo chegue a R\$ 4 milhões. O Fundo vai auxiliar empresas que não têm crédito. O anúncio foi comemorado pelo prefeito Orlando Desconsi, que integrou a comitiva de santa-rosenses na audiência com o ministro da Economia, Guido Mantega, na quinta-feira da semana passada. Daqui também viajaram os empresários Paulo Kurylo, presidente do SIMMMESR, e José Garcia Munhoz. Ver Jornal Noroeste, Santa Rosa/RS, 13 jun. 2009).

empresas nele instaladas e atrair novas empresas. Os incentivos por parte do governo federal são de fundamental importância, porém, não são suficientes diante dos novos tempos, onde a crise mundial fez o capital privado se retrair. É preciso atrair outros tipos de capitais para o município, ou trazer de volta o capital privado. Nesse contexto, a qualificação de mão-de-obra deve ser contínua, fato que está faltando na região e que foi destacado por um dos diretores empresariais entrevistado para esta pesquisa.

Igualmente entrevistou-se o secretário do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânica e de Material Elétrico de Santa Rosa (SIMM-MESR). De acordo com o secretário, as empresas ligadas ao Sindicato mal haviam se recuperado da crise provocada pela seca de 2005, que atingiu o setor agrícola, da Região Sul do país, quando se abateu a crise mundial de 2007/08 sobre as mesmas. No início desta última crise as empresas fabricantes de peças e componentes, principalmente ligadas à linha agrícola, demonstraram apreensão, pois forneciam peças para as montadoras, como a AGCO, John Deere e outras, que devido à queda nas exportações, diminuíram a produção na linha de montagem. Assim, segundo ele, o setor metal-mecânico foi fortemente afetado pela crise financeira mundial, não só na região como no Brasil inteiro. Mas, apesar do cenário pessimista, os empresários que tinham reservas conseguiram enfrentar o problema. A partir daí, o apoio estatal gerou fôlego para manter a produção e permitiu ao setor enfrentar com certa facilidade a crise mundial.<sup>6</sup>

Todavia, essa facilidade a que se refere o secretário do SIMM-MESR não foi vivida por todas as empresas, como o presente trabalho detectou. Há empresas que até o final de 2012 ainda sofriam com a redução da produção ocasionada pela crise eclodida em 2007/08. Especialmente em função do recuo nas exportações

brasileiras de máquinas e equipamentos agrícolas. Até mesmo as empresas do setor de alimentação, que não tiveram problemas com redução na produção e demissões de funcionários, tiveram que se adequar a uma nova realidade de mercado, com custos adicionais. O problema foi maior para aquelas empresas que não conseguiram diversificar seu processo produtivo e seu mercado comprador.

Enfim, não há dúvida que, mesmo com uma capacidade de enfrentamento, à crise, importante, o setor industrial de Santa Rosa acabou sentindo os efeitos da mesma. Tanto é verdade que em 2008 a indústria local participava com 48,9% do valor adicionado de ICMS. Em 2009 essa participação recuou para 43,9% e, em 2010, para 40,9%. Assim, por mais que em valores a indústria tenha se recuperado da crise, na prática ela perdeu espaço na geração da riqueza do município.

#### 4 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi o de verificar como a crise econômico-financeira de 2007/2008 impactou na geração de riqueza no setor industrial de Santa Rosa-RS e, conseqüentemente, no desenvolvimento desse município. Para isso, fez-se necessário conhecer as origens da crise e quais os impactos desse fenômeno no município estudado.

**Pôde-se constatar que, no plano nacional, o maior impacto deu-se na redução da demanda, o qual foi decorrente da diminuição do crédito financeiro** e da redução das exportações. Isso ocasionou encolhimento do mercado externo que impactou no setor produtivo doméstico, especialmente os de bens de consumo duráveis e de capital, que dependem de financiamentos.

Da mesma forma, o aumento da taxa básica de juros (SELIC), a partir do segundo trimestre de 2008, e que durou até meados de 2011, contribuiu para a redução da demanda, gerando a diminuição da produção.

“ Além disso, com a crise, o preço das commodities no mercado mundial, dentre elas as agropecuárias, subiram significativamente, auxiliando na manutenção de certo nível de renda no Estado gaúcho, forte exportador de soja e derivados, carnes de frango, suíno e bovino, fumo e outros. ”

Tal situação foi aliviada pelas políticas estatais de apoio a determinados setores, inclusive o de máquinas e implementos agrícolas, fato que favoreceu ao município de Santa Rosa.

Além disso, no caso do Estado do Rio Grande do Sul o choque da crise foi menor devido à concentração da produção em bens primários e intermediários e em bens de consumo não duráveis, dentre eles os agroalimentares, que apresentam sensibilidade menor às variações da renda. Além disso, com a crise, o preço das commodities no mercado mundial, dentre elas as agropecuárias, subiram significativamente, auxiliando na manutenção de certo nível de renda no Estado gaúcho, forte exportador de soja e derivados, carnes de frango, suíno e bovino, fumo e outros.

Mesmo assim, no município de Santa Rosa, o setor industrial viu-se, num primeiro momento, às voltas com uma redução na produção e na geração de empregos. Contudo, quando analisados os indicadores econômicos, é possível perceber que

tais efeitos foram passageiros. Em termos comparativos, já em 2009, o município de Santa Rosa teve um crescimento de 2,04% enquanto o Estado e o país não apresentaram crescimento. Todavia, tal crescimento não é inerente a capacidade de reação do setor industrial local mas sim às políticas econômicas adotadas pelo governo federal, em especial, os Programas Minha Casa Minha Vida (construção civil), Mais Alimentos (indústria de tratores) e os investimentos do BNDES em biocombustíveis.

Isso dito, o presente estudo evidenciou que as indústrias do setor de alimentos não sofreram grandes impactos negativos na produção e na geração de empregos, pois é um setor que demonstra menor sensibilidade à variação da renda.

Em contrapartida, a indústria metal-mecânica sofreu redução na sua produção e na geração de empregos. Com algumas exceções, as empresas que possuíam produção diversificada sofreram menores perdas, com destaque para as empresas que produzem peças e partes para tratores, atividade que manteve boa parte de sua produção devido ao programa federal Mais Alimentos. Além desse setor, outros produtos, como estruturas metálicas, fizeram com que a produção não oscilasse tanto. Já as empresas que produziam exclusivamente peças e partes de colheiteiras tiveram sua produção afetada pela diminuição da demanda.

No que se refere à geração de empregos, as indústrias do setor metal-mecânico demitiram no período estudado, e as indústrias da alimentação mantiveram suas contratações. Dessa maneira, em termos médios, o nível de empregos manteve-se e proporcionou a manutenção da renda média.

Nesse sentido, evidencia-se que o impacto da crise econômico-financeira no desenvolvimento econômico do município de Santa Rosa foi bem menor do que se projetava. Essa performance pode ser imputada a al-

guns fatores, como os incentivos por parte do governo federal, aos bons resultados das produções agrícolas mesmo durante à crise, e às políticas fiscais e monetárias adotadas pelo governo no auge da crise.

Todavia, para o setor industrial santa-rosense, isso não impediu que sua participação no valor adicionado municipal decaísse. Dito de outra forma, a crise mundial não afetou significativamente a economia geral de Santa Rosa, porém, provocou sim efeitos nocivos ao setor industrial local, que impactaram a geração da riqueza do município.

Por fim, fica como sugestão para futuros trabalhos a necessidade de se aprofundar estudos relativos ao desenvolvimento econômico do setor metal-mecânico e sua dependência para com o setor agrícola; à diversificação da produção como alternativa para minimizar os impactos de futuras crises econômicas; e à necessidade de estudos em torno do papel dos investimentos tecnológicos e de infraestrutura para aumento de produtividade.

## Referências

FILHO, Ernani Teixeira Torres; PUGA, Fernando. Exportações Brasileiras: um cenário pós-crise internacional. In: GIAMBIAGI, Fabio; BARROS, Octavio de (Org.). **Brasil pós-crise: agenda para a próxima década**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. p. 73-101.

FUNDAÇÃO ECONÔMICA E ESTATÍSTICA. **PIB a preço de mercado**. Disponível em: <[http://www.fee.tche.br/site-fee/pt/content/estatisticas/pg\\_pib\\_municipal\\_sh\\_pib\\_nova.php?serie=1999-2008](http://www.fee.tche.br/site-fee/pt/content/estatisticas/pg_pib_municipal_sh_pib_nova.php?serie=1999-2008)> Acesso em: 13 de nov. 2010.

GALL, Norman. **O terremoto Financeiro: a primeira crise global do século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

HINGEL, Ricardo Richiniti. A crise e o papel do crédito. In: MORAIS, Igor Alexandre Clemente de; HINGEL, Ricardo Richiniti (Org.). **A crise eco-**

**nômica internacional e os impactos no Rio Grande do Sul**. Viamão: Entremeios, 2009, p. 59-93.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **Balança Comercial Brasileira: Municípios**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca/>> Acesso em: 10 de jan. 2011.

MUNHOZ, Dércio Garcia. A fragilidade brasileira na crise pós-subprime. In: BISPO, Carlos Roberto. et al. (Org.). **Crise Financeira Mundial: impactos sociais e no mercado de trabalho**. Brasília: ANFIP, 2009, p. 73-83.

POCHMANN, Marcio. A crise internacional e seus efeitos no Brasil. In: BISPO, Carlos Roberto. et al. (Org.). **Crise Financeira Mundial: impactos sociais e no mercado de trabalho**. Brasília: ANFIP, 2009, p. 59-69.

PORSSE, Alexandre Alves. et al. Cenários de impacto da crise na economia gaúcha: projeções baseadas no canal das exportações. In: MORAIS, Igor Alexandre Clemente de; HINGEL, Ricardo Richiniti (Org.). **A crise econômica internacional e os impactos no Rio Grande do Sul**. Viamão: Entremeios, 2009, p. 97-124.

PORTUGAL, Marcelo S.; NETO, Paulo Chananeco Fontoura de Barcellos; BARBOSA, Alexandre Englert. A crise financeira e econômica atual: origens e desdobramentos. In: MORAIS, Igor Alexandre Clemente de; HINGEL, Ricardo Richiniti (Org.). **A crise econômica internacional e os impactos no Rio Grande do Sul**. Viamão: Entremeios, 2009, p. 21-55.

SECRETARIA DA FAZENDA RS. **Valor Adicionado dos Municípios**. Disponível em: <<http://www.sefaz.rs.gov.br/AIM/VAL-HIS.aspx>> Acesso em: 13 de nov. 2010.

WOLF, Martin. **A reconstrução do sistema financeiro global**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

# JUVENTUDE RURAL E NOVAS FORMAS DE SOCIABILIDADE MEDIADAS PELAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS)

EZEQUIEL REDIN<sup>1</sup>

PAULO ROBERTO CARDOSO DA SILVEIRA<sup>2</sup>

GISELE MARTINS GUIMARÃES<sup>3</sup>

VILSON FLORES DOS SANTOS<sup>4</sup>

## Resumo

Com base na experiência de organização dos jovens rurais da Região Centro Serra do Rio Grande do Sul-Brasil, a qual envolve em torno de 9.000 jovens de 12 municípios, este trabalho propõe-se a analisar as mudanças nas formas de sociabilidade vivenciadas em um processo de transformação da vida rural provocado pela universalização do uso das TICs. Neste esforço investigativo, busca-se analisar o impacto nas relações sociais locais e sobre a projeção futura da vida dos jovens no espaço rural. Deste modo, percebem-se as transformações na perspectiva da juventude rural como ator coletivo, as quais redefinem o sentido atribuído ao rural e impactam no processo de construção identitária, propondo uma reflexão sobre as motivações e tensões vivenciadas.

**Palavras-Chave:** juventude rural. TICs. Sociabilidade. Agricultura familiar.

## Abstract

Based on the experience of organization of rural youth in the Central Sierra of Rio Grande do Sul, Brazil, which involves around 9,000 young people from 12 counties, this study aims to examine the changes in the forms of sociability experienced in a

process transformation of rural life caused by the universal use of ICTs. In this investigative effort, seeks to analyze the impact on local social relations and the future projection of the lives of young people in rural areas. Thus, we can see the changes in the perspective of rural youth as a collective actor, which redefines the meaning assigned to rural and impact on identity construction process, proposing a reflection on the motivations and tensions experienced.

**Keywords:** rural youth. ICT. Sociability. Family farming.

**JEL:** I25

## Introdução

Nos últimos quarenta anos, percebe-se uma mudança significativa no mundo rural. A partir da década de 1990, a literatura tem documentado elementos desta mudança, seja a redução do número de famílias

envolvidas com a agricultura e a emergência de atividades não agrícolas no espaço rural, seja a presença da agricultura de tempo parcial e da pluriatividade como novas características da organização do trabalho nas famílias rurais. Neste “novo rural”, atividades como turismo, indústria, comércio e serviços surgem com crescente importância na ocupação da força de trabalho disponível (SILVA, 1999), enquanto o intenso êxodo provoca um envelhecimento da população do campo e uma constatada masculinização entre os remanescentes (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999).

Neste processo de transformação do rural, assume relevância a dimensão demográfica, a qual tem sido acompanhada por dois processos simultâneos e imbricados que transformaram significativamente o espaço rural: a sua crescente urbanização e a migração dos jovens em direção às cidades.

<sup>1</sup> Mestre em Extensão Rural (UFSM); Editor do Periódico Extensão Rural (Santa Maria) E-mail: ezequielredin@gmail.com

<sup>2</sup> Doutorado pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (1994). E-mail: prcs1064@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Desenvolvimento Rural (PGDR), e Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: giseleguima@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (2004). E-mail: vilsonflores@yahoo.com.br